

O papel dos geógrafos "culturais" nas decisões industriais

STEPHEN S. CHANG *

A Geografia Cultural pode ser utilizada com vantagem no planejamento industrial, administração e desenvolvimento. As decisões fundamentadas exclusivamente em considerações de custo e benefício são insuficientes. Outros fatores culturais devem ser considerados, pois têm profundas repercussões nas decisões industriais.

Podem influir profundamente no sucesso ou fracasso das indústrias. Têm importância crescente na atual fase de investimentos internacionais e no estabelecimento de indústrias em diferentes regiões de culturas diferenciadas. A necessidade de considerações culturais na administração é muito bem demonstrada nos artigos de Dielbold¹ e Sethi² no *Business Week*.

É, freqüentemente, testemunho que fenômenos culturais são apenas ocasionalmente considerados, enquanto que grande parte deles são esquecidos. Os geógrafos culturais são mais sensíveis aos diferentes aspectos da cultura.

Neste artigo analisar-se-ão as qualificações e possibilidades que permitam aos geógrafos culturais sua participação no planejamento industrial, administração e desenvolvimento.

Inicialmente, no entanto, é necessário dar um exemplo do impacto dos aspectos culturais nas indústrias.

* O autor é professor do Departamento de Geografia da Bowling Green State University, Bowling Green, Ohio, USA. Transcrito com autorização do *The Philippine Geographical Journal*, n.º 3, jul./set. 1975.

1 Dielbold, John, Management concern from Japan, *Business Week*, n.º 2.299, September 29, 1973, pp. 14-19.

2 Sethi, S. Prakash, Drawback of Japanese Management, *Business Week*, n.º 2.307, November 24, 1973, pp. 12-14.

CONCEITO DE RIQUEZA E CORRELACIONADO STATUS SOCIAL UM EXEMPLO DO IMPACTO CULTURAL NAS INDÚSTRIAS

O conceito cultural de riqueza está intimamente correlacionado com o processo de industrialização. Uma nova concepção de riqueza vinculada à sociedade industrial torna-se necessária. Algumas variáveis, tais como dinheiro, reputação, crédito, confiabilidade e também patentes e avais são formas intangíveis de riqueza.

Uma sociedade industrial bem sucedida deverá ter perfeito conhecimento desses valores e ter capacidade de manipulá-los e vê-los como riqueza que são.

Muitos grupos culturais ainda mantêm conceitos tradicionais de riqueza. Na atualidade, especialmente em muitas das áreas em desenvolvimento no mundo, o povo freqüentemente considera fatos tangíveis, como a terra, como forma de riqueza. Considera-se ser mais seguro investir-se o dinheiro em bens concretos, pois, excetuando-se o caso de convulsões sócio-políticas mais importantes, poucos são os riscos a serem temidos.

Formas menos concretas de aplicação, no entanto, são mais arriscadas. Os investimentos nas indústrias são muito vantajosos quando época e ocasião são favoráveis, mas decisões equivocadas podem acarretar graves prejuízos. Por isso alguns grupos culturais ainda preferem escolher as formas mais seguras de riquezas a possuir.

A noção de riqueza é freqüentemente reforçada pelo prestígio social. Em muitas culturas a posse da terra é razão de prestígio. Os que possuem propriedades territoriais são sempre tidos como ricos e se situam com *status* na sociedade. Quando isso ocorrer haverá pouca iniciativa interna nessas sociedades para a industrialização, pois o capital necessário ao desenvolvimento industrial ficará imobilizado em propriedades fundiárias.

Por outro lado, nas sociedades industriais, alguns grupos compreendem as formas de riqueza industrial e associam ao prestígio a habilidade de proporcionar empregos, empregar e dirigir um grande número de pessoas. Aquele que tem visão toma riscos, ultrapassa dificuldades, organiza e movimenta pessoal para produzir grande riqueza; é respeitado e admirado. A mera propriedade de riqueza essencialmente palpável, tais como a terra e a segurança financeira, não é o bastante. Gente com tal alcance cultural será, mais propriamente, apenas produtora de seus bens industriais.

A compreensão dos conceitos de riqueza e prestígio social a eles associado é importante quando a industrialização de áreas em desenvolvimento é considerada.

Para as sociedades em que a concepção cultural de riqueza compreende a posse de bens tangíveis, o impulso ou estímulo para o desenvolvimento industrial talvez tenha que vir de investimentos estrangeiros ou iniciativas governamentais. Pouquíssimo ímpeto provirá da iniciativa privada, a menos que ocorra mudança na concepção cultural de riqueza.

No entanto, para as sociedades das quais seus indivíduos compreendem a riqueza como associada à própria sociedade industrial, a industrialização pode originar-se de iniciativas privadas. O desenvolvimento industrial pode progredir mais rapidamente quando o povo está identificado com hábitos de vida de uma sociedade industrial, tais como: numerar as horas de trabalho diário, pontualidade, rotinas de trabalho em fábricas e educação.

O planejamento do desenvolvimento industrial em diferentes áreas deve fundamentar-se em diferenças da concepção cultural de riqueza e as cambiantes do prestígio social ligados às suas diferentes formas.

Em Hong Kong, por exemplo, pode-se observar que a maior parte dos capitães de indústria são de Shanghai. Muitos deles eram, ali, industriais de sucesso. Depois de suas chegadas a Hong Kong, na década dos 40, reencetariam empreendimentos bem sucedidos. Compreendiam a concepção de riqueza como inerente às grandes indústrias, por ser esse fato parte de sua história cultural.

Consideravam a fortuna alcançada através de riscos em negócios como prestigiosa.

Preferiam criar a riqueza em bases industriais e estabelecê-las sobre a segurança da propriedade da terra e outros bens do mesmo gênero, nos quais outros grupos investem.

Os riscos industriais podem ser maiores, mas a recompensa é mais lucrativa.

De vez em quando, de modo jocoso, em conversas íntimas, observações sarcásticas são ouvidas com relação aos sem visão e acovardados que usam seus recursos financeiros apenas na aplicação segura e concreta: — a terra.

Os industriais que movimentam grandes fábricas e inúmeros empregados são bem vistos e louvados.

Dessas observações, torna-se óbvio que os que compram terras são tidos em má reputação pelos bem sucedidos empresários de negócios.

Para boa compreensão diga-se que a propriedade da terra é perfeitamente aceitável e esses industriais também precisam dela; no entanto, isso é tido como socialmente remunerador, como único propósito econômico e processo de geração de riqueza.

Este é um exemplo do aspecto cultural do conceito de fortuna e *status* social, tal como aparece no desenvolvimento econômico e industrial.

QUALIFICAÇÕES E TREINAMENTO DO GEÓGRAFO CULTURAL PARA QUE PARTICIPE EM DECISÕES INDUSTRIAIS

Por seu próprio treinamento, os geógrafos culturais possuem uma compreensão fundamental de cultura. Cultura é aqui tida na acepção de acúmulo total de experiência humana³. Os geógrafos têm, igualmente, a preocupação de abordagem global dos problemas, pelo que a compreensão que têm de todos os aspectos culturais em diferentes áreas é de utilidade. Uma simples descrição é insuficiente. Além disso, os geógrafos culturais se preocupam em como se inter-relacionam e interagem usar diferentes características entre si e como participam como antecedentes do meio cultural de uma determinada região.

Esses profissionais estão, pois, preparados, por seu treinamento, mais para o exame e análise metódicos de relação entre variáveis culturais do que numa base de ensaio e erro.

Duas dimensões — espaço e tempo — são essenciais para todos os geógrafos e a Geografia Cultural não é exceção à regra.

Os geógrafos têm, permanentemente, em seu espírito a dimensão de *espaço*, similaridades, diferenças e inter-relacionamento de áreas distintas. Uma compreensão de caráter ou natureza de regiões pode

3 Spencer, J. E. Thomas, Jr., William H., *Cultural Geography*, New York; Wiley, 1969.

contribuir para a correta implementação de políticas e métodos de administração industrial.

Áreas culturalmente semelhantes podem receber soluções similares para seus problemas, enquanto que as diferentes requererão, eventualmente, ações diferentes.

Esse princípio, aparentemente simples, é muitas vezes negligenciado. Muitos empresários freqüentemente não consideram as distinções culturais entre regiões, de que resulta o conseqüente fracasso de políticas ou investimentos.

O inter-relacionamento regional deve ser igualmente considerado, pois determinadas áreas podem estar em complementaridade ou em competição.

A complementaridade entre áreas pode ser, por exemplo, de forma a oferecer possibilidade de mercado; fonte de matérias-primas, área potencial de ulterior expansão e investimento em serviços industriais.

As regiões também competem entre si pela produção de bens melhores e mais baratos, disputando mercados, impondo tarifas, lutando pelos recursos naturais e cousas semelhantes.

Isso é especialmente verdade numa era de corporações multinacionais: internacionalização de comércio.

A percepção de inter-relacionamento cultural entre áreas pode ajudar às indústrias a competirem e prosperarem.

No estudo do dimensionamento espacial os geógrafos desenvolveram especial acuidade para os fatos regionais. O conhecimento superficial de uma área não lhes é suficiente. Somente com profunda compreensão de um domínio, quase que ao ponto de uma total penetração na cultura regional, podem esses intrincados aspectos culturais aflorar, significativamente, ao pesquisador.

Muitas vezes as numerosas peculiaridades culturais podem ser beneficentemente aproveitadas nas decisões de natureza industrial.

Conhecimento da cultura regional e noção exata de semelhanças, diferenças e inter-relações espaciais são contribuições originais e marcantes que os geógrafos podem oferecer ao planejamento industrial, administração e desenvolvimento.

As dimensões temporais devem ser também consideradas para que se possa alcançar completa inteligência e avaliação em decisões industriais.

Para um claro entendimento dos fatos culturais da atualidade tem-se que conseguir a compreensão de sua evolução no tempo. A história cultural contribui, em parte, para a visão geral e iniciativas a serem tomadas numa área. Mas ainda é necessário ter-se a noção de que nada é estático e que tudo está evoluindo.

Todas as características culturais hoje existentes estão em transformação contínua; umas, mais depressa; outras, muito lentamente.

Em qualquer decisão industrial um completo conhecimento dessas alterações e habilidade em prevê-las e antecipá-las são essenciais. Capacidade de adaptações rápidas e de mudanças são essenciais para que as indústrias mantenham vantagem competitiva. O passado ajuda a condicionar o presente. Representa também a experiência acumulada em ensaio e erro; enganos e sucessos, em que se podem traduzir as vivências humanas.

O presente é o resultado de uma soma total de todas as variáveis inter-relacionadas entre si, interagindo umas sobre as outras para constituir um sistema funcional que está em equilíbrio.

Com a experiência do passado e a compreensão do presente, está-se mais habilitado a estabelecer e analisar as tendências do futuro.

Para exemplificar a importância das dimensões espaciais e temporais na administração de negócios — inclusive nas indústrias — S. Prakash Sethi escreveu no *Business Week*:

A eficácia de um estilo de administração deve ser compreendida dentro do quadro cultural, sócio-político e econômico do povo que a está realizando ou a ela submetido.

Enquanto os traços culturais permanecem constantes por longo tempo o meio sócio-político e econômico muda, ainda que lentamente. Por essa razão, um certo tipo de administração pode não ser eficiente — sem modificação — ainda que no *mesmo* país, em outra época, e, em *outro* país, em qualquer época — mesmo com alterações ⁴.

Nessas afirmações Sethi revela acurada percepção das dimensões de espaço e tempo, ainda que seu uso das palavras “traços culturais” possa ser posto em dúvida. Sethi usa a expressão “traços culturais” em seu artigo, como referência ao comportamento humano, em sentidos tais como: lealdade e medo da responsabilidade individual ⁵.

Os geógrafos culturais consideram também aspectos sócio-políticos e econômicos como traços culturais.

Os geógrafos dessa especialidade têm uma compreensão específica de cultura e podem sintetizar diferentes traços dentro de um ponto de vista globalístico. Podem ainda contar com experiência de visão regional, a par de noção espacial e temporal na proposta de equacionamento de problemas.

Essas características constituem-se em base útil como contribuição às tomadas de decisão no planejamento industrial, administração e desenvolvimento.

Há outra importante deficiência. Sem uma compreensão abrangente das operações de negócios, necessidades específicas e problemas das indústrias, os geógrafos culturais podem proporcionar apenas contribuição leiga, que seria, na melhor das hipóteses, vaga.

Para oferecer sugestões concretas, os geógrafos culturais precisam assimilar, pelo menos, uma modesta experiência industrial, talvez com aprendizado na indústria. Isso os familiarizaria com a visão do trabalho industrial e seus modos de operar.

Muito se tem dito com referência à necessidade de expansão das oportunidades de trabalho para geógrafos fora da atividade acadêmica. Aqui existe uma oportunidade de ouro para os geógrafos culturais. Sua validade, todavia, não foi ainda aprovada.

Não tem sentido para eles proceder meramente a *estudos de caso*, “case study”, consumado o fato. Esse gênero de estudo é útil para a descoberta e desenvolvimento de conceitos, bem como para revelar novas dimensões — são experiências. Para serem funcionais, devem desenvolver capacidade preditiva, fundamentada nas experiências obtidas nos estudos monográficos. Devem ostentar análises cuidadosos e prospectivas entre o fato, de modo a ser de valia para o planejamento e solução de problemas. Os geógrafos culturais precisam oferecer o tipo de análise sistemática, o discernimento e as predições que a gerência industrial é incapaz de obter.

4 Sethi, op. cit., pé-de-página 2, p. 12.

5 Sethi, op. cit., pé-de-página 2, pp. 12-14.

Com isso eles podem provar sua utilidade e tornarem-se parte indispensável do planejamento.

As qualificações e treinamento anteriormente referidas são essenciais e necessárias aos geógrafos culturais interessados em decisões industriais.

DIFERENÇAS COM OUTRAS DISCIPLINAS EM CONTRIBUIÇÃO A INDÚSTRIA

A geografia, como disciplina, recobre e integra o conhecimento de muitos domínios de estudo. Muitos dos conceitos culturais básicos podem advir de outras disciplinas das ciências sociais, tais como: Sociologia, Antropologia, Economia, História e Psicologia⁶.

As disciplinas, assim relacionadas, podem ocupar-se de alguns dos impactos culturais sobre atividades econômicas e industriais.

A sociologia industrial⁷ e a economia cultural⁸, por exemplo, tratam de muitos assuntos ligados aos impactos culturais na indústria ou na economia, assim como trabalho, motivações e instituições sociais, variáveis com as quais os geógrafos culturais estão também envolvidos.

A pergunta — sobre que contribuições o geógrafo cultural pode oferecer, que sejam diferentes, melhores ou originais — poderá ser feita.

Os geógrafos estão afeiçoados à abordagem global, integrando e sintetizando várias disciplinas. Especialistas de outras ciências podem também invocar sua atitude interdisciplinar, baseando-se em que a contribuição especial que os geógrafos culturais podem dar resume-se na habilidade de encaminhar os fatos sob critério de dimensões espaciais e temporais, bem como o desempenho de perícia regional.

As dimensões espaciais e temporais referidas antes são preocupações fundamentais dos geógrafos e são considerações importantes em todos os processos de decisão e planejamento.

Os geógrafos culturais preocupam-se especialmente com a distribuição espacial dos padrões culturais; o inter-relacionamento dos sistemas culturais de diferentes áreas e sua evolução no tempo.

Em virtude de ter estado a geografia sempre preocupada com estudos regionais, os geógrafos podem mais facilmente dedicar-se à elaboração de estudos melhores e pormenorizados para a compreensão de regiões do que qualquer outro cientista social.

NECESSIDADES FUTURAS

Tem sido focalizado, ao longo deste trabalho, que os aspectos culturais são bastante importantes para que sejam considerados no planejamento industrial, administração e tomadas de decisões no desenvolvimento. Para o Governo e escritórios de planejamento, o conhecimento do papel da cultura nas indústrias pode ser também benéfico em

6 Spencer e Thomas; op. cit., pé-de-página 3, p. 5.

7 Parker, S. R.; Brown, R. K.; Child, J. e Smith, M. A.; *The Sociology of Industry*, London: George Allen and Union, 1970, pp. 1-20.

8 Ellis, Howard S., How Culture Shapes Economic Growth; *Arizona Review*; Vol 20, n.º 1.

decisões políticas. O geógrafo cultural pode trazer contribuições práticas a esse respeito e *abrir* novas perspectivas para o governo e para a indústria.

Esses especialistas têm feito pouco quanto aos aspectos culturais da localização das indústrias, administração, planejamento e decisões sobre desenvolvimento. Quando eles tratam de temas industriais, isso é mais no sentido de um exame geral da distribuição espacial das atividades industriais e sua evolução no tempo, como fenômeno cultural, durante o curso da ocupação humana na superfície da Terra.

Pouca atenção é dada ao efeito de influências culturais nas indústrias, como resultado de diferentes estilos gerenciais, necessidades de desenvolvimento, problemas de localização e caráter das sociedades industriais em vários lugares. Esse é um campo virgem a ser explorado pelos geógrafos culturais.

Para que os geógrafos culturais possam fazer contribuições valiosas é necessário um treinamento adequado. A par da compreensão da cultura e das dimensões espaciais e temporais, dois atributos adicionais são pré-requisitos em particular.

O primeiro é a necessidade de domínio do conhecimento regional para o desenvolvimento. O segundo é a aquisição de experiência industrial prática.

Somente esse domínio do conhecimento e experiência podem fundamentar esse discernimento.

A visão, que a outros falta, dota o profissional de capacidade competitiva e o torna, assim, mais valioso.

Dado a carência de estudos sobre o impacto dos aspectos culturais nas indústrias, existe a necessidade de estudos monográficos do passado e do presente nesse gênero de atividades. Esses estudos contribuem para a experiência e dão nova dimensão ao problema.

Essas experiências não se constituem, em si mesmo, em modelos objetivos ou teorias, pois cada problema cultural é singular e tem suas próprias sutilezas. Podem servir, no entanto, como um marco de referência e ajudar-nos em problemas futuros.

Dr. Ellis escreveu em seu artigo "Como a cultura modela o crescimento econômico": — "Os elementos culturais são freqüentemente as mais profundas causas de falta de desenvolvimento econômico ou de alcançá-lo.

A falta de capital é uma limitação quase universal ao desenvolvimento, mas o comportamento dos indivíduos e a natureza das instituições que condicionam o suprimento desses capitais são mais fundamentais ainda⁹.

O mesmo pode ser dito para o planejamento industrial, administração e desenvolvimento. Muitos dos critérios econômicos considerados no desenvolvimento industrial e modelos locais são limitações absolutas para o estabelecimento de indústrias. Por outro lado, aspectos culturais, tais como atitudes individuais e comportamento, valores culturais e instituições podem ser decisivos na determinação do êxito ou fracasso de empreendimentos industriais.

9 Ellis, op. cit., pé-de-página 8, p. 1.